

“UMA PÓVOA MUITO

A Póvoa de Varzim é cidade há 23 anos! A efeméride não passou em branco. Para tanto, basta notar no que aqui se vai reproduzir da abertura da página 3 da nossa edição de 20.06.96:

“A Câmara Municipal comemorou no passado domingo, dia 16 de Junho, os 23 anos da elevação da Póvoa de Varzim a cidade. Um dia de festa, que serviu para homenagear, com uma medalha de prata, dois ilustres poveiros, António Gomes da Costa e Abílio Ferreira da Nova, que se notabilizaram pelas suas acções de cultura e de beneficência no Rio de Janeiro, Brasil, onde actualmente residem, sem nunca esquecerem a Póvoa.”

Essa cerimónia de homenagem, como demos conta, “decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho”, sendo “presidida por Macedo Vieira...”

Por se considerar útil, voltamos ao texto da edição de 20 de Junho, com o cuidado de referir que Gomes da Costa, individualidade em destaque, que dá corpo às páginas centrais deste número, um poveiro de Terroso, “é membro do Conselho de Administração de um dos maiores bancos brasileiros, tendo já sido distinguido, pelos governos brasileiro e português, com a *ORDEM DO INFANTE*.”

E, segundo o discurso do Presidente da Câmara, António Gomes da Costa desenvolve junto de as instituições Luso-Brasileiras um trabalho para a “*a resolução de inúmeros problemas vividos pelos nossos compatriotas e é apontado, por todos os portugueses residentes no Brasil, como representante natural deste país de marinheiros.*”

Continuando a rever a edição de o A VOZ DA PÓVOA de 20 de Junho, o trabalho assinado por Catarina Pessanha e Céu Salazar, cita, da apresentação do dr. António Gomes da Costa de que se incumbiu o dr. Rodrigo Braz Leal Rodrigues, presidente da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes de S. Paulo:

“...uma qualidade: este homem hoje convivendo com presidentes e ministros, com embaixadores, com escritores, com sábios e cientistas, com banqueiros e empresários e, pelo jeito...também com santos, já que é um permanente fazedor de milagres, este homem continua hoje com a mesma simplicidade daquele menino que gaguejava quando o sr. padre Domingos Fernandes o chamava para ajudar à missa, o mesmo menino que, à volta da escola, cobiçava os pastéis da ‘Poveirinha’ “

Mas, de ora em diante, vamos falar mais em directo e em pormenor com o **dr. António Gomes da Costa**, “um poveiro há muitos anos no Brasil.

Por VASCO CASTRO

“Um Poveiro há muitos anos no Brasil”, embora mantenha muito viva a sua Póvoa de Varzim, quer no espírito quer no interior de um coração que, no seu pulsar, dá sinais de nostalgia por uma terra que deu ao Mundo um vulto com a grandeza, a cultura e a determinação, virtudes que, entre outras, caracterizam o dr. António Gomes da Costa.

“A PÓVOA SEMPRE NO CORAÇÃO DOS POVEIROS!”

Leu um poema de Guerra Junqueiro, na cerimónia em que foi alvo da homenagem a que já nos referimos (xai(!) há, quantos anos eu parti chorando, deste meu carinhoso lar...”), mas hoje, com as inexcedíveis experiências proporcionadas por essa ímpar “Faculdade” que se designa por ESCOLADA VIDA, salienta não ser necessário recorrer a cantigas para se lembrar desta Póvoa fidalga, hospitaleira, popular e apaixonante, pois “*a Póvoa está sempre no coração dos poveiros que estão em terra alheia a realizar os seus projectos de vida.*”

Todavia cita Terroso - o torrão natal - dá-lhe, com ternura, mas também com orgulho, o título de A CAPITAL DO V IMPÉRIO, que não vai além, na sua ponderada e sentida explicação de uma...”*construção mais teórica e mais poética, mas todos nós que partimos na diáspora, levamos connosco a terra onde nascemos, o caminho onde jogámos a bola, a igreja onde fomos baptizados, a escola onde aprendemos a ler...*”, o que, “*para nós é V IMPÉRIO*”, sendo, isso sim, “*o sonho, a visão do futuro, digamos o vínculo que nos acompanha a vida inteira e, então, nós transformamos a terra pequenina, pobre e humilde, a casa onde nascemos, num palácio, a igreja numa catedral...*”, o que pode e deve aceitar-se, ou compreender-se, como “*a nossa multiplicação interior daquilo que amamos profundamente.*”

“SE COMEÇAR A CONTAR HISTÓRIAS...”

Convidado a recordar-se da juventude, a contar uma ou outra história mais significativa,

o dr. Gomes da Costa regressou aos seu tempos de aluno da Instrução Primária, embora a avisar-nos de “*se começar a contar histórias vou-me emocionar*”, referiu o facto de a escola (edifício) não ter condições, “*era uma sala alugada e eu gostava de jogar futebol.. e me lembro do quanto a minha mãe lutou para me levar de minha casa à escola e ralhou comigo, provavelmente ter-me-á dado algumas palmadas, foi uma briga durante aquele percurso que separava a minha casa da escola. Regressei e muito triste, por toda aquela zanga havida entre nós. Mas no dia seguinte, uma hora antes do início da escola, eu cheguei perto dela e disse-lha: mãe, vou para a escola!*”

“MEU PAI ERA CARPINTEIRO E EU TIVE PARALISIA INFANTIL”

Dificuldades de outrora, que, sofridamente, ajudaram à construção de um ser humano mentalmente robusto.

É fácil de explicar por que partiu para o outro lado do Atlântico: “*meu pai era carpinteiro e como eu tive a paralisia infantil não podia ir para a arte.*”

Assim o pai, “*com enorme sacrifício*”, pô-lo a estudar. Completou o curso na antiga Escola Comercial. Depois as alternativas não abundavam. Prosseguir os estudos era sobrecarga monetária que o progenitor não conseguia suportar: os empregos eram uma espécie de “porta fechada” e os vencimentos uma insignificância. Foi então que escreveu a um tio, já bem colocado nos “Brasis”, que, após diligências de vária natureza, onde a disponibilidade brasileira foi notória, conseguiu colocar-lhe nas mãos a então característica “carta de chamada”, pelo que fez questão de colocar em título de caixa alta: “*...foi preciso ter uma autorização especial do Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Eu nunca esqueci isso, porque, veja o que é, por vezes, importante, nas relações entre dois povos. Qualquer outro país - sublinhou - se pedisse ao Ministro do Exterior para autorizar um emigrante ... infantil ele não ia autorizar. João Neves Fontoura, que era o ministro, mandou uma ordem ao Consulado do Porto, a conceder o visto de entrada e eu fui para o Brasil em 1953.*”

O Brasil..., no Brasil!

“*...Bom, aí começa a minha história do Brasil, que é, talvez, uma história menos sofrida. Comecei a trabalhar num escritório, tinha vontade de estudar, pedi a adaptação do curso que tinha feito aqui aos currículos brasileiros. Não havia acordo cultural. Foi tudo muito demorado...*”

No entanto, dois anos decorridos, António Gomes da Costa entrava na Faculdade de Economia para se licenciar, da mesma forma que conseguia formar-se em Direito.

“*Comecei a trabalhar - observa-nos - e a entrar nessa área associativa Luso-Brasileira*”.

MAIS DINÂMICA..”

A VOZ DA PÓVOA

“NÃO DESISTO, JUNTO FORÇAS!”

No momento da homenagem, no capítulo da apresentação, o dr. Rodrigo Braz Leal Rodrigues disse que António Gomes da Costa era “um permanente fazedor de milagres”.

Sobre o assunto, curioso por excelência, para quem lida com presidentes, ministros, embaixadores, escritores, sábios e cientistas, banqueiros e empresários, tivemos ensejo de registar, a propósito de “fazedor de milagres”:

“Essa é a literatura de Rodrigo. Eu não sou fazedor de milagres, O que sou, ou me considero, é um trabalhador e um determinado. Quando tenho um projecto na minha frente eu não vacilo, estou disposto a executá-lo. Eu enfrento todas as dificuldades, eu não desisto, junto forças!

Às vezes vou buscar o milagre aí, pois é no sentido de aglutinar que, por vezes se consegue a vitória e, afinal, a ter o fruto maduro.”

“São duas Póvoas diferentes”, afirmou-

termos arquitetónicos, acho que a Póvoa pecou imensamente, uma vez que faltou um Plano Director. Falei, várias vezes, com alguns autarcas, Achava, quando ficou iminente que a Póvoa ia dar um salto, em relação futuro, que a primeira coisa que deveriam ter feito, os autarcas da época, era um Plano Director, E a sensação que tive é que foi tudo muito de improviso, muito em função de interesses menores e faltaram as linhas directoras, para esse desenvolvimento urbano por que a Póvoa de Varzim passou. Essa é a minha sensação! - subscreveu.

“PÓVOA TEM VIRTUALIDADES”

Do resumo da conversa extraímos a ilação de que se sente bem na Póvoa, pois, caso contrário, “até teria de perder o título de poveiro. Sinto-me bem, mas há problemas imensos que a Póvoa enfrenta, de tráfego, de saneamento e de outros assuntos cruciais. Mas direi que me sinto bem. Pena, isso sim, a



O dr. António Gomes da Costa, nascido em 27 de Janeiro de 1934 na freguesia de Terroso, deste concelho, frequentou na Póvoa de Varzim a Escola Comercial e Industrial e no Porto a Escola Comercial Filipa de Vilhena, antes de emigrar para o Brasil. Aí, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, concluiu o Curso de Ciências Económicas, complementado com o de Pós-Graduação.

Igualmente cursou Ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito Cândido Mendes.

Profissionalmente, é membro do Conselho de Administração do Banco Itaú, do Real Gabinete Português de Leitura, Presidente de Honra do Liceu Literário Português, Secretário-Geral da Fundação Cultural Brasil-Portugal, Vice-Presidente da Associação dos Amigos da Biblioteca Municipal, membro da Sociedade dos Amigos do Museu Histórico Nacional, ex-Presidente do Clube Ginástico Português, Director do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português e do Instituto de História Luso-Brasileira do Liceu Literário Português, sócio-correspondente da Academia Portuguesa de História, director do Semanário “O Mundo Português” e das revistas “Convergência Lusíada, e “Confluência”.

Além de inúmeros artigos em jornais e revistas, publicou “Farpas e Louvações” e “Providência Social”.

Foi distinguido pelo Governo Brasileiro com a “Ordem do Rio Branco” (grau de Comendador), com a “Ordem do Mérito Naval” e com a “Ordem de Mérito Aeronáutico”.

Foi agraciado pelo Governo Português com a “Ordem do Infante D. Henrique” (grau Oficial) e com a “Ordem do Mérito Industrial” (grau de Comendador).

É cidadão benemérito do estado do Rio de Janeiro.

o, quando questionado à cerca da de cinquenta anos atrás e a actual. Frisou as dificuldades de então, com “usos e costumes medievais”, para acrescentar que “hoje temos um Póvoa muito mais dinâmica e que sob o ponto de vista arquitectónico, sob o ponto de vista de progresso é, evidentemente outra terra. Recordo, ainda, aquela Póvoa tradicional, de cinquenta anos atrás que ainda persiste aqui e a além, nalguns pontos, mas é já uma Póvoa que vai ficando para trás, o que já não tem muito com esta Póvoa, muito mais dinâmica e voltada para o seu desenvolvimento e, sobretudo, para a qualidade de vida das populações”.

Pegou na “menina bonita” e remirou-a ao espelho. E disse: “para o meu gosto, em

desfiguração arquitetónica. Acho que a Póvoa de Varzim tem virtualidades e tem equipamentos para corrigir esses defeitos e marchar numa direcção mais harmónica em relação ao futuro, até porque as populações também começam a ganhar consciência disso.” E lançou o repto (melhor dizendo, sugestão) “crescer dentro de uma certa harmonia para não nos arrependermos.”

Já pensou, sim senhor, em regressar definitivamente à Póvoa, Mas “um português, no Brasil, não está a cumprir um contrato de trabalho; ele amarra-se e integra-se, de tal forma na terra que o recebeu que ocorre o fenómeno curioso: as raízes começam a ser cada vez mais profundas.”

Por enquanto...” não posso vir para a Póvoa, mas espero que, pelo menos todos os anos, possa vir rever esta terra de que tanto gosto.”

“SERIA UMA PENA PERDERMOS O VÍNCULO DA GEMINAÇÃO”

Novo capítulo a recheiar a entrevista: a Geminação Póvoa-Rio de Janeiro.

Seguem-se os comentários do dr. António Gomes da Costa:

“Tive oportunidade de falar com o Presidente da Câmara sobre a geminação. É evidente que ela surgiu de uma relação de amizade entre autarcas do Rio e da Póvoa. De qualquer maneira, bem pensada, mal pensada, a geminação existe e seria uma pena, ma minha maneira de ver, se perdêssemos esse vínculo com o Rio de Janeiro.

A geminação, no meu conceito, é, para nós, nas vertentes culturais, económicas e desportivas, formarmos algumas acções para pormos em contacto gente da Póvoa com gente do Rio de Janeiro.

Apesar da distância, acho que é enriquecedor para a Póvoa tentar manter essa geminação. Ainda que ela fique aquém das nossa aspirações e dos nossos desejos. Mas, de qualquer forma, representa uma presença oficial poveira numa cidade tão importante como o Rio.”

Outro tema alvo de análise e debate foi o da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, com o homenageado a observar que “é evidente que Portugal não poderia ter ficado fora da União Europeia. É claro que tem as suas vantagens económicas e sociais em fazer parte do clube europeu. A nossa tese é a de que Portugal, ao fazer isso, não vire as costas ao Atlântico.

Depois, afirmou que a nossa grande razão de ser está em velarmos o horizonte do Atlântico, e o Brasil de forma especial, porque, amores à parte, é no Brasil a nossa grande realização e até por razões estratégicas, razões políticas, razões de futuro.”

Razões de futuro, porque, “no próximo milénio, o Brasil vai ser uma das maiores potências mundiais!”

No trecho final da entrevista o dr. Gomes da Costa disse que o papel de Portugal na Europa é essencialmente o de “um país de serviços”, citando, na oportunidade, o turismo.

Quanto à actualidade Brasil, como fecho deste trabalho, rubricou que “o Brasil tem a força das injustiças sociais, a força dos desequilíbrios e da má distribuição da renda por força das próprias assimetrias regionais.

O Brasil tem problemas difíceis,” o contraste gerado pela convivência da riqueza perto da miséria. E o Brasil, tal como Portugal ainda não curou muitas chagas, ainda não superou esse desequilíbrios sociais.”